

Ecclesia



Julho de 1954

Ano 6.º

N.º 28

Teses e Comunicações a Apresentar no II Congresso da Igreja Lusitana

(Lista provisória em estudo pela Comissão de Teses)

1.º Grupo: **Espiritual e Evangelístico**

1. Catequese, evangelização da infância, colaboração das Mães, e Escolas Dominicais. Elementos visuais na educação: cinema, iconografia bíblica.
2. Evangelização das Famílias e continuidade do Testemunho fora da Igreja; culto pessoal e doméstico; frequência dos Sacramentos.
3. Valorização da acção dos leigos na vida eclesiana.
4. Expansão da Igreja no Império e na Diáspora da Língua. Testemunho aos Judeus Portugueses.
5. Do uso da Música na Liturgia; da educação litúrgica em geral.
6. Aspecto moderno da cura espiritual.
7. Formação e aperfeiçoamento do clero e dos eclesianos activos.
8. Relações da Igreja com o mundo externo; problemas de Poiménica.

2.º Grupo: **Social e Educativo**

1. Problema da cultura geral na Igreja, pela versão bíblica e revisão litúrgica; o hinário e o homiliário como elementos culturais.
2. Aspectos da acção publicitária, utilização da Imprensa estranha, órgãos nacionais, boletins locais.
3. Assistência médica a doentes e médico-social a indigentes; dever de assistência a viúvas e órfãos. Enfermagem cristã.
4. Diaconato feminino: como instituí-lo e firma-lo.
5. Escotismo cristão lusitano: grupos locais e sua organização diocesana.
6. Campismo e colónias de férias, como instrumento de evangelização.
7. Formação das novas gerações sob a égide da Igreja.

3.º Grupo: **Orgânico e Administrativo**

1. Situação jurídica da Igreja Lusitana na Nação; das minorias cristãs em geral.
2. Relações do clero entre si e com a sociedade em geral.
3. Relações entre as Juntas Paroquiais para uma acção harmónica e eficiente.
4. Lugar da tradição na orgânica da Igreja.
5. Sustento próprio, nas Dioceses, nas Paróquias e nas Missões.
6. Relações da Igreja com as outras confissões cristãs e com os organismos ecuménicos.
7. Da conveniência da organização diocesana dos departamentos locais.

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64792

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL
Rua 14 de Outubro, 342--VILA NOVA DE GAIA--Telef. 710995

Bantuânia Portuguesa

QUE teria resultado da junção efectiva das duas costas da África Portuguesa, dessa África lendária que Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens atravessaram para o conseguir?

Belo sonho, generosamente entrevisto pelo grande missionário e filantropo David Livingstone, no desejo de obter do governo português o controlo eficaz do interior africano, e com ele a extinção da escravatura exercida por umas tribos sobre outras!

O sonho de Livingstone foi expresso, em sugestão por ele feita às autoridades em Luanda, trinta e dois anos antes do famoso "Mapa Côr-de-rosa" ter sido apenso ao tratado luso-alemão e defendido calorosamente pelo ministro Barros Gomes. A ambição de Cecil Rhodes cortou para sempre esse mapa, de norte a sul, com o caminho de ferro do Cabo ao Cairo; mas, nas voltas que o mundo dá, o Egipto dos generais antibritânicos e a África do Sul

do Dr. Malan representam hoje aspectos de política africana bem diferentes da que seria a portuguesa e não menos do que o sonho rodesiano. Portugal ficou privado dum campo de acção civilizadora, que teria dado outra feição à África, em particular à Bantuânia. Pode isto ser afirmado pela experiência que tantos factos posteriores nos fornecem.

Estamos chamando Bantuânia a toda a mancha geográfica que o génio avassalador dos Bantos criou. Uma boa parte dessa Bantuânia, em Angola e Moçambique, continua sendo Portugal, e a intriga moscovita teria muito maior dificuldade em corroer a sua homogeneidade do que tem tido noutros lugares, se o quisesse fazer.

Parece-nos que, a coroar a nossa acção, decerto não perfeita mas superior, em vários títulos, à de outros povos, se deveria enveredar por um plano cultural **bantófilo**, num instituto linguístico baseado nos estudos de Meynhoff e de outros seus discípulos, desenvol-

SUMÁRIO DO N.º 28

Bantuânia Portuguesa	1
Foi há dois mil anos que Júlio César	2
Reminiscências e Perspectivas	2
"Lupus pilum..." Gilbert Costello	5
No Atrio; na Nave, Sermão de . F. Arbiol	6
Os Valores do Espírito, Rev. A. P. Araújo	7
Lusogramas	9
Projecto de Reforma Canónica, Dr. D. Pina Cabral	11
Lauda Poética, Eudaro Carmelino	15
Missionística, Dr. Leopoldo de Figueiredo	16
Diogo Cassels	17
A Bíblia e a Igreja	20
Na Seara	22
O Livro e os Livros	24

vendo e aperfeiçoando o esquema das línguas preficativas classificatórias do grande grupo banto, fazendo a revisão bibliográfica e documental da África Banta e, por esse caminho, visando unir Moçambique e Angola pelos vínculos naturais da sua população indígena e por aqueles elementos europeus que saibam colocar mais alto os valores morais, o interesse perpétuo da Nação, ou melhor, da Supernacionalidade Lusitânica, unindo Goa, Timor, Macau, a Bantuânia, a Guiné, às ilhas portuguesas do Ocidente e à velha e querida Metrópole, Portugal, e à cidade-mãe, que por lá se confunde, na elocução vulgar, com Portugal: Lisboa.

Que sonho! Que grande, que notável possibilidade! O nosso coração **vê-a**. E o vosso?

FOI HÁ DOIS MIL ANOS [QUE JÚLIO CESAR VISITOU LISBOA?]

UMA lápida incrustada num simples prédio alfacinha havia de ficar lembrando aos vindouros a visita de Júlio Cesar, o grande general romano, à cidade que ele cognominou "Felicitas Julia". Seria há dois mil anos? Haveria razão para recordar o sucesso, como Paris há pouco ainda celebrou o seu bimilenário?

Note-se que não seria essa a data do nascimento de Lisboa, que se perde na noite dos tempos; mas é, decerto, a de seu registo europeu, do direito de cidade dado a um burgozinho de

pescadores que se tornaria, mercê do Tejo amigo, a "... nobre Lisboa, que do mundo facilmente das outras é princesa" no dizer do Épico.

O facto de ser "Ecclesia" quem o vem recordar não ajudará, em certos meios, a secundar a lembrança; mas que havemos nós de fazer, visto sermos o que somos e não podermos ser o que não somos? O certo é que somos portugueses como os outros Portugueses, com coração e mente portuguesa, para honrarmos a Pátria como outro qualquer português legítimo e integral.

Procuremos agora fazer as contas que justifiquem o nosso dito:

Júlio Cesar faz parte do primeiro triunvirato, de 694 a 701 U. C., que é como quem diz de 60 a 53 antes de Cristo, e nessa data foi pro-prefor na Hispânia. Seria acaso no seu propetorado que o "Imperator", ainda não dominando em Roma, daria à Olisipo o título que a enobreceu? Não parece provável. Mais possível é que, quando foram derrotados na Hispânia os filhos de Pompeu, Cneio e Sexto, em 46 ou 45 A. C., a visita se verificasse, com as consequências que nos interessam. Mais tarde deu-se a morte de Júlio às mãos de Bruto. Ora o ano de 46 A. C. corresponde aos dois mil, juntando os da era cristã. Se a ilustre Câmara Municipal deixa escapar o ano ter-se-á de esperar muito para um novo milénio...

E agora, meditando bem: valerá a pena recordar a visita do conquistador, homem de força e liberticida? E porque não? Recordamos Pombal apesar dos seus defeitos, e a conquistista de Lisboa em que o seu povo, judeu, mouro e cristão, foi trucidado, pelo progresso obtido na unificação da Pátria.

IIIIH

UM vereador de Lisboa, o sr. Correia Marques, que também é jornalista provaticanista, em sessão de Janeiro deste

ano "lamentou a presença de muitos ciganos em Lisboa, vindos das zonas periféricas da cidade, fazendo uma interessante resenha histórica e psicológica acerca daquela estranha raça. Pediu que eles sejam vigiados e intimados a sair de Lisboa, dentro dum certo prazo, sob pena de internamento

REMINISCÊNCIAS

E

PERSPECTIVAS

III

IIIIH

na Mitra". ("Diário de Lisboa" do dia 21 do mês referido). Triste, não é? Mas felizmente um outro ilustre vereador, "o sr. dr.

Oliveira Ramos, pediu que haja humanidade com essa raça, cujas qualidades e cujo extraordinário amor filial enalteceu, protestando contra qualquer discriminação de raças, que a nossa Constituição não permite". Afinal temos de agradecer ao activo director da "Voz", herdeiro do azedume

de "Nemo", esta oportunidade que houve, de se pôr em destaque o facto de a Constituição Portuguesa não permitir discriminação de raças. Quanto à opinião, tão humana e tão cristã, do sr. dr. Oliveira Ramos, registamo-la com prazer. Se alguma coisa é digna de muita lástima, neste capítulo dos ciganos, é não se poder recordar, na história da Igreja Portuguesa, qualquer movimento organizado e persistente de evangelização dos ciganos "nosso próximo" desde muitos séculos. O primeiro emissário da Sociedade Bíblica de Londres à Peninsula, Jorge Burrow, grande nome nas letras do seu país, esse começou, se pode dizer, a sua actividade cristianizadora pelos ciganos da Espanha, e deixou de facto dois livros que são clássicos na literatura universal. Cremos que abrandará um pouco o racismo anticigano ao saber-se que no próximo outono, no congresso que os ciganos querem realizar em Espanha, proclamarão a sua organização "essencialmente católica"; ainda que nós não sabemos o que eles entendem por isso e suspeitamos que se trata de aspectos exteriores. Evangelizemos nós os ciganos, como qualquer outra estirpe. Eles terão seu lugar na "multidão inumerável".



No próximo mês de Agosto realizar-se-á em Evanston, no Estado de Illinois, da União Norte-Americana, a II Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, que adopta para temas centrais: "Nossa união em Cristo e nossa desunião como igrejas", e: "Jesus Cristo, Senhor nosso, Esperança única da Igreja e do Mundo". Do "Cristianismo" de S. Paulo, de Abril passado, transcreeveremos este histórico muito esclarecedor: "Em 1948, em Amsterdão, assumiu forma definitiva o Conselho Mundial de Igrejas, pelo concurso de dois grandes movimentos ecuménicos que se vinham processando havia anos — o de Fé e Ordem (ou de Lausana) e o de Vida e Acção (ou de Estocolmo) — movimentos que continuam a viver, no novo Conselho, através de departamentos especiais. O Conselho Mundial de Igrejas teve, nestes seis anos, o seu crescimento normal, sendo grande o número de corporações eclesiásticas, de muitos países e de vários ramos cristãos — excepto a Igreja Católica Romana — que a ele se filiaram".



"Unitas" reproduz de "O Estado de São Paulo" de 6 de Setembro de 52: "Na cidade de

São Paulo o culto católico celebra-se em 105 matrizes e 103 capelas. Há 99 templos protestantes e 5 ortodoxos, e 244 centros espíritas". Resumiremos nós, para fazer falar a estatística, que só com números não chega a dizer coisa que se entenda: são 312 lugares de culto cristão, dos quais um terço com tendências de regresso à genuinidade primitiva e dois terços com tendências sincretistas e actividade política, sob o primado romano; e um número igual a três quartos desse último com práticas e proselitismo que apelam às tradições animistas dos aborígenes e dos africanos que povoaram em grande massa aquela zona da Sul-América, acaso perdurando em muitos dos seus descendentes e afins, na grande e activa cidade. Vem a propósito dizer que a população evangélica do Brasil duplicou, do recenseamento de 1940 para o de 50, enquanto que o aumento da população geral foi de 23% nesse mesmo período. Triste será se, com o aumento numérico decrescerem, lá como cá, aquelas virtudes de integridade cristã características dos movimentos iniciais, e que já torna necessário o toque de rebate de jovens ministros leais e corajosos, denunciadores do farisaísmo intolerante a par de certa contemporização com as ilegalidades do meio social corrupto.



Dois grandes, expoentes da crítica do século XIX, nascidos nos dois extremos da Europa — Leão Tolstói, na "Guerra e Paz", em 1876, e Eça de Queiroz em "Os Maias", em 1888, ambos se igualaram na falsa hermenêutica do episódio narrado por S. Lucas (capítulo 7:36-50). Escreve Tolstói ("Guerra e Paz", versão de Garibaldi Falcão, Lisboa, 1943, p. 355): "A maior parte dos estroinas, Madalenas-homens e Madalenas-mulheres, têm uma segurança secreta e ingénua da sua inocência, fundada na esperança do perdão: "Muito lhe será perdoado, porque ela muito amou!", "Muito lhe será perdoado porque ele se divertiu muito!" Eça escreve ("Os Maias", 3.ª edição Lisboa, 1.º vol. p. 122): "...lançara-se (Maria de Monforte) na existência daquelas mulheres de quem, dizia o Alencar, "a pálida Margarida Gautier, a gentil **Dama das Camélias**, é o tipo sublime, o símbolo poético, a quem muito será perdoado porque muito amaram". Outras citações semelhantes temos visto, de autores menores, que, como nesta última, parece nem se dar conta da sua origem bíblica. Mas analisemos

o texto a que ambas se referem: Uma mulher pecadora de quem se não regista o nome, e que decerto nada tem que ver directamente com Maria Madalena, uma das pessoas que auxiliaram a evangelização primitiva, entra na casa do fariseu que convidara Jesus para um banquete e, vindo por detrás do triclinio onde ele estava à mesa, derramou sobre os seus pés o unguento que trouxera num vaso de alabastro, depois de lhos beijar e inundar de lágrimas e lhos enxugar com os seus cabelos. É então que Nosso Senhor, lendo no pensamento do fariseu a sua censura, dá-lhe a grande lição de que tão necessitado estava, mostrando a superioridade moral dum pobre pecadora que pela prêgação do amor de Deus se redimira, e grata e humilde dera aquele sublime testemunho. Que terá isto que ver com os tropes negócios de sensualidade alcunhados de "amor" no vocabulário dos intelectuais... e dos rascões?

Um pintor holandês de muito talento, mas desconhecido do público, via-se há anos desdenhado pela crítica da arte e condenado a morrer na indigência e no olvido. Dos seus dias de revolta, das suas noites de meditação, surgiu então um processo condenável, decerto, socialmente condenável, mas sob o ponto de vista de arte digno do maior apreço: apresentou ao público quadros que atribuiu a um grande pintor antigo, Vermeer; e como a "maneira" desse pintor consagrado era por ele perfeitamente imitada, ainda que os quadros não eram conhecidos, os críticos acreditaram e escreveram eruditísimos e honestos estudos sobre os preciosos "descobrimentos" que vinham enriquecer o tesouro da arte nacional... Até que um dia tudo se descobriu; e o pobre artista foi condenado como falsário que era... Já morreu, para ser esquecido de vez. Mas na recíproca, não foi premiado, enquanto vivo, como grande artista que era. Os quadros serão negociados, talvez, e constituirão fonte de lucro para hábeis comerciantes; e os críticos, que haviam desdenhado um homem de valor enquanto assinava probamente os seus trabalhos, e depois foram cúmplices inconscientes do logro, esses... nada sofreram, senão talvez alguma vergonha. Não haveremos de sentir uma grande piedade

pelo homem e pelos homens? Génios que falham num ambiente moralmente falhado; ambiente falhado devido ás faltas morais de tantos?

O editor português de obras, por sinal admiráveis de C. S. Lewis, obras que foram os cristãos reformados os primeiros a adquirir, apesar do preço exagerado da edição, diz dele o seguinte: "Em 1928 deu a sua adesão à Igreja Anglicana, dentro da qual tomou a posição mais próxima do catolicismo. Está, pois, quasi a concluir... Convidado em 1941 a fazer pela rádio uma série de palestras sobre temas religiosos e morais, o êxito dessas palestras foi de tal ordem que em breve era reconhecido como um grande orientador das massas, prêgador leigo do mais elevado e raro quilate". Realmente o autor de "...e ao próximo como a nós mesmos", "A Lei moral e o sentido do Universo", "O problema da Dor" e "Para além da Personalidade" é um pensador invulgar, que nos empolga. Mas não tomou a posição mais próxima do catolicismo, não, e isto pela simples razão que, como anglicano, se tornou católico. Agora, se o editor quer dizer na sua que ele está próximo do romanismo, engana-se ou procura enganar. Todos nós sabemos que as escolas aparentemente mais próximas são as mais irredutíveis, pois deram os passos para o que de justo havia na outra escola e se mais não avançaram foi por motivo raciocinado e não por paixão. São os adversários mais distantes os que vão por vezes engrossar as fileiras que combatem. Fiquem-se com esta.

Ficou retido, por falta de espaço, um artigueto, já composto, sobre "A Bíblia e a Imprensa"; mas surge aqui a possibilidade de vos anunciar que o célebre escritor luso-americano João dos Passos (conta-o o "Diário de Notícias") acaba de proclamar que "a Bíblia é a origem de toda a cultura". E acrescenta que quando Lincoln discursava todos compreendiam o que ele dizia, porque a sua eloquência se inspirava muito na "Bíblia". Feliz época de feliz povo!

Lupus pilum mutat non mentem

QUANDO menino de escola, era a minha ambição obter a primeira classificação pelo caderno mais limpo da classe. Mas, por muito que me esforçava nunca o logrei. Eis a narração do meu fracasso:

Começava sempre com esperanças vivas, um novo caderno. A primeira página era um modelo de cuidado e disciplina; mas, contudo, fracassava ao fim. Começava distraído a escrever erroneamente uma palavra. Logo seguiria um esforço para ocultar o erro. Era preciso escrever de novo a palavra. O resultado foi uma mancha altamente incorrecta. Este era o momento decisivo para fazer uso da cirurgia.

Primeiro empregou-se a borracha e depois uma raspadeira. Tornava-se muito ténue o papel e seria assunto muito arriscado escrever por cima do borrão; mas sempre a tentação prevaleceu. O resultado final era uma grande mancha de tinta. Desde aquele momento desvaneceu-se o meu desejo de apresentar o caderno mais pulcro e as coisas iam de mal a peor.

A minha reacção emocional era uma mistura curiosa de desafio e vergonha. Por um lado tinha perdido todo o interesse e por outro lado anelava recomeçar num caderno novo.

Dum modo ou outro as minhas experiências da infância com os cadernos ilustram a vida espiritual humana. Começamos geralmente com uma página bastante limpa. Logo se comete um erro insignificante. À nossa grande surpresa segue uma reacção contínua de motivo e resultado, com as suas consequências inexoráveis. No meio da luta nos sentimos deprimidos e manchados. A impressão constante de uma derrota atormenta os nossos nervos e vamos procurando uma compensação para manter o equilíbrio. Anelamos um novo começo; às vezes tomamos resoluções, mas sempre "caímos junto do caminho". Não perduram as nossas resoluções nobres e bem cedo se esquecem. No essencial e de ano em ano permanecemos os mesmos. Não haverá saída deste círculo vicioso? Pode o homem verdadeiramente começar de novo, e pode contar com bom êxito?

Há alguns que dizem que não pode mudar-se o homem. Referem-se à Bíblia-Jeremias XIII, 23:

"Pode o leopardo mudar as suas manchas?" Recitam o provérbio latino — "Lupus pilum mutat non mentem" (Cambia o lobo a pele mas não o génio). Dizem também: como se nasceu assim se morrerá. A verdade é que ninguém pode mudar-se a si mesmo. Mas o homem continuamente está melhorando ou piorando. Ao dar entrada a Deus na sua vida a mudança é radical. Isto é o coração mesmo do Evangelho; precisamente por esta razão se chama Evangelho — Boas Novas, Boas Notícias.

Voltemos novamente ao caderno. É muito fácil escrever mal uma palavra (sobretudo para mim como inglês, tratando de escrever na língua portuguesa!). Só se deve confessa-lo e aprender mediante o erro. Eu me enganei ocultando o erro e tratando de repara-lo. Isso nunca tem bom êxito. Equivocamo-nos todos, mas o que importa é a maneira de nos ocuparmos dos nossos erros. O cristão tem que apresentar-se humildemente debaixo da Cruz, consciente das suas necessidades, procurando o auxílio do Espírito Santo de Deus. Aqui suplica o perdão pelo amor de Jesus Cristo. Confessando a sua fraqueza aceita o poder oferecido por Deus e recomeça confiando "n'Ele, que obra em mim poderosamente" — Col. 1, 29.

Gilbert Costello

Definição de Deus

Dada pelos Pigmeus da Floresta Equatorial

(Versão da versão francesa, in "Bulletin de la Mission Suisse dans l'Afrique du Sud", Março — Abril de 1954, p. 37).

No princípio era Cmvum,

Hoje Cmvum é

Amanhã Cmvum será.

Quem pode fazer uma imagem de Cmvum?

Ele não tem corpo;

É semelhante a uma palavra que sai da boca.

E essa palavra? Já não é, passou

E contudo ela vive. Tal é Cmvum.

NO ÁTRIO

As próximas Comemorações

Domingo 25 de Julho: Dia de Sant'Iago Ap. e Mártir
6 de Agosto: Transfiguração de Nosso Senhor
24 de Agosto: Dia de S. Bartolomeu, Ap.

12 de Julho: Aniversário da Missão de Santo Estevão, Campanhã

18 de Agosto: Dedicção da Igreja do Espírito Santo, Setubal

23 de Agosto: Dedicção da Igreja de S. Mateus, Vila Franca de Xira.



NA NAVE

Sermão de Cinco Minutos

Pelo Rev. A. F. Arbiol

Ele lhes disse: "um inimigo é que fez isso".

S. Mateus 13 : 28

A Paz de Deus seja convôco.

O mundo é o campo onde Deus lançou a boa semente. O homem criado à sua imagem e semelhança era a melhor obra da criação. Não tardou, porém, que, pela prática do mal, fôsse perdendo a semelhança divina. Se Deus tinha semeado somente o bem, como surgiu então o mal? A humanidade, quais servos da parábola, indaga em vão a origem do mal. A resposta que o dono do campo deu aos servos que lhe tinham perguntado donde tinha vindo o joio, que apareceu juntamente com o trigo, nos esclarece tão magno problema. "Um inimigo é que fez isso". Quem é esse inimigo? Se ele disse que foi um inimigo, é porque há mais do que um. Efectivamente, há muitos inimigos que se aprazem em fazer mal, em prejudicar e em destruir, tais como: a inveja, o orgulho, o ódio, a calúnia e a maledicência. Cada um destes sentimentos, e outros semelhantes, lançados, por mão invisível, ao coração do homem, prejudicam o desenvolvimento da semente do bem. A parábola diz: enquanto os homens dormiam o inimigo veio e semeou o joio. A falta de vigilância contribuiu para a eficácia das manobras do inimigo. Este nem sempre consegue o seu objectivo.

A sua vitória depende mais da nossa fraqueza do que da sua força. Um ser que adormece quando devia vigiar, que despreza

conselhos que devia aproveitar, que se entrega à ociosidade quando devia trabalhar e a prazeres mundanos quando devia orar, fornece ao inimigo elementos preciosos para a sua vitória. Segundo nos ensina a Bíblia, o mal, com o seu cortejo de variadas consequências, teve a sua origem na desobediência de nossos primeiros pais. Logo, é uma semente que só germina no coração humano. Portanto podemos estar ao pé dum inimigo sem o ver. Não só devemos tomar medidas de defesa contra o mal existente nos corações alheios, como contra o mal existente no nosso próprio coração. Por vezes este é mais difícil de vencer e, portanto, aquele que merece maior atenção da nossa parte.

Assim como o joio crescia, misturado com o trigo, assim o mal cresce, misturado com o bem, confundindo-se de tal modo que ás vezes, nem se sabe onde este começa e aquele acaba. O joio ou cizania é muito parecido com o trigo e dá-se muito bem na Terra Santa. Pela sua semelhança só as pessoas experimentadas na agricultura o podem distinguir. Serve de alimento, mas prejudica o organismo físico. Este pormenor evoca o facto de o joio do mal se dar bem no lugar santo da Casa de Deus, confundindo-se com o trigo do bem e prejudicando o desenvolvimento da fé e do amor fraternal. Se o homem em Adão, perdeu a semelhança de Deus, ele a pode tornar a ganhar, em Nosso Senhor Jesus Cristo, purificando a alma do pecado com Seu sangue derramado na cruz do Calvário. Assim como uma lagarta, pela metamorfose, se transforma numa linda borboleta, assim o maior pecador e incrédulo se transforma, pela metamorfose do novo nascimento num santo e num crente. (II Cor. 5:17). A diferença na vida da pessoa que passa por esta operação espiritual é tão grande que, por vezes, se torna difícil reconhecê-la. (S. João 9:9). Deus, querendo que todos se salvem, dá ao pecador a oportunidade de aceitar a Jesus Cristo e ser uma nova criatura.

Qual dono do campo da parábola, deixa-o viver juntamente com os que, pela fé se tornaram seus filhos, até à ceifa, dando-lhe, assim, a oportunidade de se converterem e nascerem de novo. Outrosim revela, dessa forma, o Seu amor pelos que já são Seus os quais, sofrendo pela incredulidade dos outros que lhes estão ligados pelo sangue ou pela amizade, sofreriam ainda mais senão lhes fosse dada essa oportunidade. A sua felicidade espiritual depende de .aceitarem ou recusarem o dom sublime do amor de Deus.

Das Valores da Espirito

NADA oferece dúvidas, quanto ao chamado espiritualismo em acção, consubstanciado na reabilitação de crenças, hábitos e tradições, bem como, no restauro de edifícios consagrados pelo culto e pela história, porém, todo este espiritualismo, longe de entrar o materialismo, fomenta-o cada vez mais, dando-lhe novas características dentro da sua obsecada intolerância e falência, em prejuízo da paz de consciência individual e da morigeração da grei.

Deve existir qualquer razão básica para esta anomalia. Sem dúvida está na concepção do que sejam valores espirituais, sua adopção e sua actuação, porquanto, a espiritualidade do momento que passa, gira em tórno de inanimados, desenhados e recortados pela fantasia e, por esta melodramaticamente suggestionados.

Indo já directamente ao fim: porque a filosofia mitológica foi até materializar os seus imaginários deuses, acorando diante deles, pela violência e pelo fetichismo, os povos, estes desiludidos da espiritualidade e materialidade daquelas deidades, foram-nas pondo de parte. Como de tudo quanto se desfaz, resíduos ficam, outra máscara lhe foi afivelada não se podendo dizer que fosse falha de argúcia, contudo, a prática, de novo demonstrou falência pela perda de confiança e, se Concílios tiveram de definir os crédos da Fé Cristã para sanear a purulencia de cismas e heresias, os povos ôcos da Graça, sedentos de Água cristalina, lançaram-se em sua busca e da Verdade.

A audácia que no Eden suggestionou a inocência a perder a santidade, jámais encolheu os seus tentáculos diante de qualquer movimento de rebate de consciência em regresso à pedra de toque cristã. Assim que sentiu lássa a máscara afivelada nos resíduos mitológicos, gerando esta lassidão indecisos, indiferentes e impenitentes ou sejam as correntes que fomentaram o materialismo ateu, empenhou-se em contrapôr a este, um materialismo espiritual, pondo de parte os adoráveis mandamentos divinos, substituindo-os por veneráveis preceitos, materializados pelas artes e casuisticamente propagados e defendidos pelas letras, sendo isto, o que hoje em dia, classificamos de

materialismo espiritual, sem satisfação para a alma, nem para a fraternidade dos povos.

Tudo porquê?

Porque se tem ofuscado o melhor, o mais alto valor do espírito — a Santidade — concebido pela recolhida meditação, passarela para o arrendimento e, este em separação do mal, num estado consciente, não de imagem.

Disto temos um flagrantíssimo testemunho em Nun'Álvares Pereira, de longe reconhecido como o Santo Condestável, o qual, já aos 24 anos de idade, antes de comandar a batalha dos Atoleiros, que nos traria a independência de Castela, segundo Oliveira Martins na **Vida do Condestável**, formado o estratégico quadrado defensivo, "vendo todos a postos, poz-se de joelhos, e toda a hoste imitando-o com as mãos erguidas, rezou perante a Bandeira desfraldada" e, quando de pé, avisou: "Deus ajudará todos que me ajudarem, e vos tomará conta da minha morte se aqui morrer por vossa culpa".

Firmada a Dinastia de Aviz, o guerreiro, para melhor resguardo da sua santidade, separou-se do mundo recolhendo, em Lisboa, ao Convento do Carmo que havia fundado.

Apontando este facto, não quer dizer que consideramos a clausura a última palavra para resguardo da santidade. O grande transatlântico, cujas origens veem do escavado tronco de árvore a que chamaram piroga, nunca saíria dos estaleiros, se a sua construção não estivesse precavida contra os embates das ondas. Desta maneira, a santidade, é tanto mais heroína quando passa de lado ou por cima do mal.

Ora, poder-se-à presumir qualquer razão para que Nun'Álvares procurasse na clausura perseverar melhor a sua santidade? O sr. dr. Magalhães Basto, penetrante rebuscador de **Velhos Manuscritos**, nesta secção que há anos mantem em **O Primeiro de Janeiro**, em 7 de Agosto, do ano findo, perguntava:

"Que se diria hoje, por exemplo, dum Arcebispo de Braga que fosse pai de um Mestre da Religiosa e Militar Ordem do Hospital, ou Prior do Crato, o qual por sua vez, fosse pai de abundante prole?"

"Pois, D. Gonçalo Pereira, famoso Arcebispo de Braga, foi pai de vários filhos, um dos quais se chamou D. Álvaro Pereira, Prior do Crato, homem ilustríssimo, que, por sua vez, teve «só» 32 filhos, de três ou quatro mulheres diferentes — sendo um

desse filhos nada mais nada menos que D. Nuno Álvares Pereira, o Santo Condestável!"

Com esta transcrição nem procuramos pôr o ilustre rebuscador do nosso lado e, muito menos, envergonhar o santo pela sua ancestralidade. Não. Apenas queremos presumir que o Condestável para se defender e não cair na quebra da castidade, com a qual a sua estirpe o abastardou, na clausura, foi encontrar melhor preservativo, mantendo-se, assim, a gratidão de todos os portugueses pelo seu heroísmo e respeito pela sua santidade.

E, como não se havia de manter o respeito pela sua santidade, se esta foi testemunhada pela grandeza da sua Fé e separação do mal, imaterial valor de espírito em adopção e actuação?

Parece, porém, que isto não bastou para colocar o guerreiro e o monge na posteridade, visto que Beato XV, em 23 de Janeiro de 1918, o beatificou, beatificação que levou um dos nossos escritores a manifestar a opinião de que melhor seria continuar a considerar-se o santo como o herói da Pátria, do que arruma-lo para um altar num encolhido e materializado Frei Nuno.

Também deste materialismo nos ocupamos por esse tempo, mas, agora da beatificação vai passar-se para a canonização, como se Nun'Álvares Pereira, não se tivesse já santificado pela Fé e separação, demonstradas.

De como esta canonização não pisa terreno firme, diz-nos, sua rev.^{ma} o Arcebispo-Bispo de Aveiro, segundo lêmos em o **Correio do Vouga**, de 5 de Dezembro de 1953.

"Tem-se dito que Nun'Álvares Pereira, se for canonizado, não será nunca um santo da devoção espanhola. Não é ver as coisas do alto, como é próprio da nobreza dos dois povos peninsulares. Que tem o passado, que já lá vai, cujo eco já se extinguiu, ao qual um presente de paz e de união sucedeu, — que tem o passado com os tempos novos em que vivemos agora?"

—... "que tem o passado com os tempos novos?" — perguntou o citado prelado.

No campo político, do qual, se deve afastar a espiritualidade da santidade, concordamos que nada tenha no "presente de paz e união", no entretanto, materializada a santidade espiritual de Frei Nuno, será difícil aos espanhóis colocarem a effigie do maior dos seus vencedores nos altares dos seus templos, porém, dentro dos verdadeiros valores do espírito, não terão dúvidas em reco-

nhecer a santidade de Nun'Álvares, há muito, recolhida no céu, isto é, desde 1 de Novembro de 1431, aquele céu aonde vivem os santos idos de todos os povos e línguas, a quem o Justo Juíz, não perguntou a côr do seu rosto ou com que veste o adorou, ouvindo, apenas o Único Intercessor e Advogado dizer, se sim ou não, na terra se santificaram pelo arrependimento que os levou ao lavraco do Sangue vertido no Calvário.

Demais, se o céu fosse só dos canonizados por mãos humanas, teriam sido superfluas as palavras de Jesus: **Na casa de meu Pai, há muitas moradas**, pois, da infinidade das almas, poucas seriam aquelas que gosariam o prémio da Graça Celestial.

Assim iam os a fechar estas apologéticas considerações, quando, transmitida em 14 de Maio último pela agência F. P. lêmos numa exortação aos católicos suíços estas palavras de Pio XII:

"O Materialismo, o processo de laicisação de toda a existência entram no domínio espiritual e religioso. O pensamento de Deus, o respeito e o temor de Deus, são banidos sempre mais da vida pública, da família e, também, quase fatalmente, da vida do indivíduo.

.....
"Na luta contra o Materialismo, acrescenta o Papa, há que lançar a directriz: « Regressemos ao Cristianismo original ». Os cristãos dos primeiros tempos faziam frente a uma cultura pagã e materialista, que reinava em absoluto. Tiveram a coragem de a atacar e, finalmente, impuzeram-se, graças, aliás, à sua tenacidade sem quebra, e mediante pesados sacrificios. Imitai-os ".

Como se acaba de lêr, sua santidade vê, nas suas linhas gerais, o problema dos valores do espírito, como os acabamos de apreciar. Há, porém, uma diferença de sumíssima importância, enquanto Pio XII termina a sua exortação com um "apêlo à Virgem Maria a cuja guarda confia o mundo", nós dentro e ao serviço de uma Igreja Nacional, parcela da Igreja Católica (Universal), a qual, em tudo quer regressar ao "Cristianismo original", afirmamos que o materialismo espiritual, há-de ruír, quando os povos estiverem convictos, como disse S. Pedro, de que **não há salvação em nenhum outro** (Jesus) **porque do céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual, nós devamos ser salvos** (Actos dos Apóstolos, 4:12).

A. Pereira Araújo

LUSOGRAMAS

—Passou a 30 de Maio o centenário do nascimento de Venceslau de Moraes, o único xintoista português que conhecemos. Sem renunciar à língua materna, que enriqueceu com magníficas páginas, renunciou a quase tudo o mais da sua Pátria, que trocou pelo Japão, onde fora consul. Ainda está por estudar, devidamente, o caso psicológico de Venceslau de Moraes.

—Entre os doze trabalhos de Hércules parece não se contar um que se assemelhe ao esforço dos cronistas da viagem de S. Ex.^a o Presidente da República à África Portuguesa, ao desconhecem a qualidade de cristãos evangélicos de muitos dos centos de milhares que o censo de Angola regista, todos alfabetizados e ensinados a respeitar os Chefes da Nação e a orar por eles, e que já desde a visita do Marechal Carmona se tornaram fonte de estímulo para outros bons portugueses daquela província, entoando o hino nacional com a maestria que os Bantos usam no canto coral.

—O povo, no entender de Pio XII (segundo uma citação há pouco feita) terá de comer o pão negro da anarquia se não se resolver a comer o alvo Pão Eucarístico, o que reputamos muito bem dito. Até parece um cristão reformado a falar. Resta explicar a metáfora: ou nos alimentamos espiritualmente do próprio Cristo, ou desnutriremos e envenenaremos a alma com falsos ideais materialistas.

—O académico Visconde de Vogüe nos diz em "A Tarde de Sedan" ("Pages Choisies", Paris, 1912, p. 148) ter sido o Coral de Lutero saído de cem mil peitos, que lhe deu a ele, um dos vencidos, a razão da vitória da Alemanha. Mas a Alemanha do século XX não o compreendeu, e passados quarenta anos tantas coisas se deram! Espalhou-se nos Seminários, e depois nas Igrejas, o racionalismo orgulhoso de Baur; o prussianismo chegou aos exageros de disciplina inumana que Ludwig nos descreve no seu livro "Hindenburg"; e por fim, quem venceu a guerra de 1918, depois de vários fracassos, devidos aos abusos da liberdade? O respeito da pessoa humana. Hoje, apesar de tudo, podemos rir de regulamentos militares que estabeleciam os milímetros de afastamento dos pés em sentido, e da gravata em relação à gola...

—Uma firma algodoeira a quem pediramos amostras para uma missão, recusou a carta sem a abrir, ao ver o timbre do subscrito. Talvez algum contínuo que seja também sacristão, porque é difícil de acreditar que um funcionário de responsabilidade assim proceda. É um triste índice da época em que vivemos, sob o ponto de vista da religião, de qualquer modo.

—Chegou às nossas mãos por oferta gentil, um belo espécime de imprensa cristã, intitulado "Dominant le Monde, défiant les siècles... Un Livre!" É de reprodução interdita, infelizmente; se assim não fosse talvez traduzissemos para aqui as palavras escritas acerca do Salmo 23 pelo jovem herói da Resistência em França, na véspera de ser fusilado, em 29 de Dezembro de 1943.

—Houve quem não gostasse da nossa observação acerca de folhetos de intenção evangelizadora que, por suas imperfeições de todo o género, se tornam contraproducentes. É de lamentar que não agrademos a todos, mas permanecemos no nosso fito de exercer certa **propaganda** para a qual tudo serve, desde que ataque Roma. Agora temos recebido (e lançado fora sem perda de tempo) uns folhetinhos enrolados em papel celofan para parecer um "bombom" e assim enganar o guloso, até ao final desapontamento. Isto em Portugal é tão néscio que nos custa crer que nos Estados Unidos seja de eficiência.

—O boletim bibliográfico "Books for Africa" pediu vênias para transcrever o nosso artigo do n.º passado "Revisão Autorizada?", o que nos deu satisfação, por nos demonstrar que há interesse pelas nossas coisas e compreensão do seu significado. Já no n.º de Julho dessa revista londrina se reproduzira parte do nosso artigo sobre o livro "Vacances avec Salazar" trecho que ali se inseriu em Português.

—A leviandade com que certos cristãos apodam outros de "modernistas", e a insinuação maldosa que põem no sentido do termo, que em si mesmo nada diz, lembra o procedimento dos católicos romanos da geração passada alcinhando de "franco-mações" ou "pedreiros-livres" os cristãos evangélicos. A paridade é perfeita, pela inconsciência de origem e pela maldade das consequências.

—O cogumelo é um dos novos símbolos da época que vivemos, em nosso juízo, que esperamos ver em breve vulgarizado. Isso devido aos efeitos visíveis da explosão atómica. Símbolo justo duma

era cujos projectos e discursos não se sabe ao certo se são venenosos . . .

— O jornalista Artur Portela, nas "Rosas de Itália", deliciosa reportagem de arte pagã, diz que o "Moisés" de Miguel Angelo é "cornicurto". Assim parece, de facto, e haveria quem o confundisse com Pan, a divindade helénica. Mas quereria ou não, o assombroso escultor, representar na pedra os raios de luz que Moisés trazia na fronte ao descer do Sinai? Para nós há aí a grande lição da impossibilidade de dar a imagem da luz na matéria bruta. O espírito é inefável para a linguagem do cinzel. A carne de Moisés pode representar-se no mármore, melhor ou peor; a luz que Deus lhe emprestou, essa não!

— Continuou no "mês dos três santos" (os santos do solstício do verão) a escola de mendicidade nascida, segundo dizem, do peditório que uma vez fizeram as crianças de Lisboa a favor da erecção da capela de Santo António da Sé. Seja como for, os verdadeiros pedagogos condenarão as iniciativas que estimulam a mendicidade.

— Piedade, sim, devoção; mas . . . Pelagio, o heresiarca, era um homem muito piedoso, asceta rigoroso, religioso austero; contudo prêgou uma doutrina que ainda hoje manifesta a sua perniciosidade, animando teorias praticamente negadores da Obra Perfeita da Cruz de Cristo. Piedade, devoção, é uma atitude que pode servir erros, e os tem servido.

— Quando Henrique VIII, o rei Barba Azul, escreveu um Livro contra Lutero, o papa Leão X concedeu-lhe o título de "Defensor da Fé". Mal imaginava ele que o rei ia querer ser um papa-cesário! Depois, desde Eduardo VI e com a excepção cínica de Maria a "Sanguinária", e uma que outra disfarçada excepção, os reis ingleses adoptaram a Reforma e conservaram até à actual reinante, e com carradas de razão, o título de "Defensores da Fé".

— Pastores beduínos encontraram em grutas da região de Qumrân, na Jordânia, em 1952, novos manuscritos de um valor incalculável. São setenta rolos, de textos bíblicos a maior parte, entre os quais 38 do Velho Testamento, na redacção primitiva, isto é, em hebraico, aramaico e grego, e alguns outros em escrita fenícia, assim como certos apócrifos, tais como o "Testamento dos Doze Patriarcas" em aramaico, texto que não era conhecido. Adolfo Lods, perito na matéria, considerava este tratado "um curioso manualzinho de moral".

— Em 1906 havia nos Estados Unidos 19 % de romano-católicos, resultado, em grande parte, da imigração dos países latinos e da Irlanda, ali verificada durante muitos decénios. Quase meio século depois a percentagem é sensivelmente a mesma, apesar da respeitável actividade exercida junto de milhões de indiferentes e revoltados.

— Vitor Hugo chamava duramente a Napoleão III o "Pequeno", num tremendo libelo que correu mundo. Leão Tolstói, muitos anos depois, na "Guerra e Paz", dá todo o relêvo à pequenez humana e insignificância de Napoleão "o Grande", em comparação com os problemas da alma e o ilimitado do futuro em Deus. Grandeza, pequenez . . . tudo é relativo.

— No Brasil usa-se agora, mais do que seria para merecer louvores, o verbo "parodiar" no sentido de "glosar", ou "imitar" ou "parafrasear". Sabemos que nenhum destes termos tem perfeita sinonímia; mas, tratando-se, por exemplo, de palavras de Jesus Cristo, aquele verbo é de muito mau gosto. Todos os dicionários registam "paródia" com o significado de "imitação burlesca". A semântica tem os seus direitos, principalmente devido à associação de ideias, de que ninguém se defende.

— Não há confissões em português no Vaticano, lamenta Artur Portela, enquanto que há quem ali confesse em várias outras línguas. Felizmente o Grande Confessor, Jesus Cristo, que disse à Samaritana "tudo quanto ela tinha feito", está em toda a parte e domina todas as línguas. E até no Vaticano uma alma angustiada pode encontrar o Grande Confessor. Porque não?

— Eis a diferença que temos querido apontar: Um "propagandista" vulgar utiliza todos os meios que lhe pareçam rápidos e eficazes para obter os seus resultados, sem olhar à verdade e à honestidade das suas afirmações. Um evangelista verdadeiro subordina todos os seus desejos, processos e actos à directriz divina, mesmo que lhe pareçam menos resultantes. O exemplo máximo é o Calvário. Ali não há cartaz de prontidão, mas eficácia eterna, mesmo quando invisível.

— Num século de grandeza balofa macaqueámos S. Pedro de Roma na Sé Patriarcal, O Escuriel em Mafra, Versalhes em Queluz e a Opera de Roma em S. Carlos. O que se teria feito, e como se teria feito, se outros rumos tomássemos!

— Boward foi um velho médico que, ao morrer, ainda tomava o pulso aos braços da velha poltrona onde agonizava. Como tiver sido a nossa vida assim será a nossa morte.

PROJECTO DE REFORMA CANÓNICA

DA AUTORIA DO
REV. DR. DANIEL DE PINA CABRAL

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA LUSITANA

VII

Dos Órgãos da Igreja Lusitana

Os órgãos da Igreja Lusitana são :

- a) GERAIS : o Bispo, o Sínodo e a Comissão Permanente do Sínodo ;
- b) PAROQUIAIS: o Pároco, ou Reitor, a Junta Paroquial e a Assembleia Eleitoral ;
- c) REGIONAIS: o Arcipreste e o Capítulo Regional.

SECÇÃO I — DOS ÓRGÃOS GERAIS

VIII

Do Bispo

1 — O Bispo é eleito pelo Sínodo, devendo a eleição ser ratificada pelo Conselho Provisório de Bispos.

2 — As funções especiais de Bispo, tradicionais na Santa Igreja Católica, são ;

a) Ser um Pai em Deus de todo o povo cristão e, mais particularmente, do Clero ; e visitar, ensinar, encorajar e admoesta-lo, como um sumo-pastor entre os pastores do rebanho de Cristo ; impor as suas mãos naqueles que devam ser ordenados para o ministério da Igreja, e nos baptizados que devam ser confirmados ; licenciar clérigos para o ministério e a prêgação ; guiar e dirigir a instrução dos cristãos e a evangelização dos não cristãos ; fiscalizar a administração dos Sacramentos e a realização do culto público ; consagrar Igrejas ; excomungar pecadores declarados e impenitentes, e receber pessoas excomungadas, quando penitentes ; assegurar a observância dos Cânones da Igreja,

tanto pelo exercício da sua jurisdição, como pelo uso ocasional do seu poder de dispensação, isto é, de suspender ou modificar em casos especiais, se lhe parecer existir justa causa, a letra estrita da lei eclesiástica;

b) Convocar e presidir a reuniões do clero e de outras pessoas fieis da Igreja, para consulta e acção comum acerca das coisas de Deus e do seu reino, tais como o Sínodo e a Comissão Permanente do Sínodo.

3—Ao Bispo-eleito competem todos os deveres e pertencem todos os direitos e honras relativos a Bispo Sagrado, com reserva daqueles poderes para cujo exercício a Santa Igreja Católica tradicionalmente exige dom especial, como o de confirmar pessoas baptisadas e ordena-las para o Santo Ministério.

IX

Do Conselho Provisório de Bispos

1—Enquanto a Igreja Lusitana não tiver, pelo menos, três dioceses, com os seus bispos devidamente eleitos e sagrados, o Sínodo Diocesano negociará com as autoridades de outras Igrejas Irmãs, a constituição de um Conselho Provisório de Bispos, a quem confiará, por acto livre e revogável, a resolução dos seguintes assuntos:

- a) Questões acerca de Fé e Ordem da Igreja;
- b) Julgamento de tais questões, como Supremo Tribunal;
- c) Ratificação da eleição de pessoas para o episcopado;
- d) Ratificação de todas as decisões sinodais respeitantes às ordens canónica e litúrgica da Igreja;
- e) Inquérito e procedimento em relação a todos os factos que possam conduzir à suspensão ou deposição de um Bispo ou à exoneração dos seus cargos.

2—Os Bispos da Igreja Lusitana devem fazer parte do Conselho Provisório de Ministros.

X

Do Sínodo

1—O Sínodo é composto por três elementos distintos:

- a) O Bispo;
- b) A Câmara dos Eclesiásticos;
- c) A Câmara do Povo.

2— Fazem parte da Câmara dos Eclesiásticos, com direito de palavra e de voto, todos os Presbíteros da Igreja, que se achem no exercício das Ordens, e, somente com direito de palavra, todos os diáconos da Igreja.

3— A Câmara do Povo é constituída por um representante secular de cada Paróquia da Igreja.

4— O Bispo, ou Presbítero por ele nomeado, preside ao Sínodo, que reúne em conjunto, mas vota por Câmaras, sendo necessária a concorrência dos três elementos, para que se considere aprovada qualquer decisão.

5— O Sínodo reúne de três em três anos, em data e lugar a fixar pelo Bispo, ou pela Comissão Permanente, com a antecedência mínima de trinta dias.

6— "Sede Vacante", o Sínodo será presidido por um Presbítero escolhido "ad hoc", pela Câmara dos Eclesiásticos na sua primeira sessão; mas, nesta hipótese, o Presidente vota como um membro da Câmara dos Eclesiásticos, sendo suficiente, para se ter como válida uma decisão do Sínodo, que haja a concorrência das duas Câmaras.

7— Quatro eclesiásticos, com direito de voto, e quatro representantes seculares constituem o quorum para os trabalhos do Sínodo. Número menor só pode encerrar a sessão.

8— Ao Sínodo compete :

- a) Eleger o Bispo da Igreja e a Comissão Permanente ;
- b) Deliberar sobre todos os mais assuntos relativos à Igreja Lusitana ;
- c) Submeter quaisquer assuntos ao Conselho Provisório de Bispos sem que, para este efeito, seja necessária a concorrência do Bispo.

9— Haverá um Livro de Actas das Reuniões do Sínodo; e todas as suas deliberações, não classificadas de secretas, devem ser publicadas em todas as Paróquias, no Domingo seguinte ao trigésimo dia posterior ao seu encerramento.

XI

Da Comissão Permanente

1— A Comissão Permanente é o órgão consultivo do Bispo, sob cuja presidência reunirá; "Sede Vacante" a Comissão Permanente, sob a presidência de um Comissário Geral, será a autoridade ordinária dentro da Igreja.

2 — Na hipótese prevista na segunda parte do parágrafo anterior, ao Comissário Geral competem todas as funções executivas que se não compadeçam com a natureza colegial da Comissão Permanente.

3 — A Comissão Permanente será composta de três presbíteros e três representantes seculares, trienalmente eleitos pelo Sínodo, que, igualmente, elegerá o Comissário Geral.

4 — Ao eleger a Comissão Permanente, o Sínodo logo indicará qual dos membros dela será o Tesoureiro Geral da Igreja — de preferência, um leigo — e qual será o Inspector das Escolas e Colégios.

5 — Além do mais estatuído nestes Cânones, compete à Comissão Permanente :

- a) Aconselhar o Bispo em todos os assuntos pertinentes ao Reino de Deus, dentro dos limites territoriais da Igreja Lusitana ;
- b) Funcionar como Tribunal de 2.^a instância ;
- c) Exercer a administração dos bens materiais da Igreja ;
- d) Elaborar o orçamento anual da Igreja ;
- e) Examinar e dar PARECER, como conselho fiscal, sobre os relatórios e contas das Juntas Paroquiais ;
- f) Pronunciar-se sobre todos os projectos de construção ou alteração dos imóveis pertencentes à Igreja, ou cedidos para seu uso, sendo vedado às Juntas Paroquiais iniciar quaisquer dessas obras sem prévia autorização sua ;
- g) Apresentar ao Sínodo um relatório sobre o estado geral da Igreja ;
- h) Fixar a agenda do Sínodo, lugar e data da reunião do mesmo.

6 — A Comissão Permanente reunirá sempre que a convoque o Bispo ou o Comissário Geral, devendo efectuar-se sempre uma reunião anual no primeiro trimestre de cada ano, durante a qual além de outros assuntos, se aprovarão as contas das Juntas Paroquiais e da Tesouraria Geral da Igreja, e se elaborará o orçamento geral da Igreja.

7 — A Comissão Permanente considerar-se-á devidamente constituída quando estiverem presentes, ao menos, dois eclesiásticos e dois representantes seculares, e as suas decisões tomar-se-ão por maioria absoluta de votos ; todavia, quando o Bispo, ou o Comissário Geral, obtiver, por escrito, da totalidade dos vogais da Comissão Permanente, depois de todos, devida e uniformemente consultados, votos unânimes em determinado sentido, considerar-se-á isso como válida decisão da mesma Comissão.

8 — A Comissão Permanente terá um " Livro de Actas " para as suas reuniões.

LAUDA
POÉTICA
MAS...

Barro que Deus honrou com Seu assopro,
À Sua augusta Imagem semelhante,
Capaz de O adorar, de O pôr diante
Da sua mente ansiosa,
Da sua alma expectante,
És tu, Família Humana, tão famosa!
Mas... como o fogo, que endurece a argila
E a torna quebradiça;
E, incoerentemente
A torna, ao mesmo tempo, resistente,
A paixão, outro fogo que cintila
E atrai, e tisona, e queima a estranha gente,
Éis que a deixa tão frágil ao pecado,
E resistente ao bem que lhe é prègado!

Naaman, general sírio, valoroso,
Fiel ao soberano a quem servia
E ao povo, cujo berço defendia
Sem trégua e sem repouso
Era amado nos campos e no Paço;
Das Mães, com seus filhinhos no regaço,
Que lhes faziam decorar o nome;
Dos soldados, que à sua voz marchavam
Dando-lhe assim renome...
Tudo contribuía pra seu gozo.

Mas... esse general era leproso!

Uma estranha criança, sua escrava,
Aos criados, solícita falava:
"Há um Profeta, lá na minha terra,
Que serve a Deus (não deuses não figuras,
Pois todo o mundo um só Senhor encerra;
Dizem as Escrituras).
Esse profeta, é certo, curaria
O nosso amo e senhor, se o procurasse
E obedecesse ao que ele lhe mandasse..."

Essa estranha criança era judia.

*

Que feito prodigioso
A Naaman se apresenta!
O Profeta olha o leproso;
No general não atenta.

Recebe-o sem protocolo,
Fala sem sobrançeria:

Nem se prostra até ao solo,
Nem dele exige horaria.
Até ao Jordão o manda
(Ao rio que ali passava):
"Essa carne miseranda
"nele sete vezes lava".

Hesita o guerreiro altivo,
Vence o enfermo no seu alvo;
Sai das águas redivivo,
Volta à Síria são e salvo.

Já crê no Deus sem segundo
Donde veio o bom conselho...
Mas... vai dobrar o joelho
Aos ídolos do seu mundo!

*

Guerreiros, cortesãos, senhores de fama,
Governadores dos povos,
Pelo prestígio dos programas novos
Que brilham como chama
E as multidões encantam:
Sois do Ideal sinceros cavaleiros,
Políticos, filósofos, guerreiros;
Mas... cultivais o ódio e a vingança,
Usais a multidão, fatal criança,
Sempre ingénua, inconstante, impressionável,
Como pedras dum jôgo abominável!

Cristãos, seguros na doutrina excelsa
Revelada por Deus à Humanidade,
Que cantais e adorais, anunciando
Aquilo que sabeis ser a Verdade:
Quanto esforço e saber desenvolvido!
Quanto ouro gasto, quanto tempo e estrondo!
Nada fica no olvido,
Nada que útil vos seja...
E nada se dispensa:
O filme, o rádio, o avião, o auto
E a grande Imprensa!
Mas... esquecidos, esqueceis a Igreja,
Mas... fracos, vós enfraqueceis a Igreja,
Mas... divididos, vós negais a Igreja!

Eudaro Carmelino

MISSIONÍSTICA

EM DEFESA DAS MISSÕES CRISTÃS EVANGÉLICAS

III

Ex.^{mo} Snr. João Pereira da Rosa

Digníssimo Director do Jornal "O SÉCULO"

Prezado Amigo e Ex.^{mo} Senhor

Fiquei hoje um pouco surpreendido ao ler no jornal que V. Ex.^a dirige um artigo sobre "Ocupação Espiritual de Angola" e que me pareceu de certo modo estranho num jornal que tem pugnado sempre pelos direitos de toda a grei, sem sectarismos ou deformações, procurando simplesmente ser a expressão do bom senso das gentes.

Não me refiro naturalmente à defesa pura e simples das missões católicas no sentido de as melhorar, não só no campo material, mas também em "homens capazes de uma evangelização cheia de tolerância e de amor que não se nutre a mandioca e banana, mas pode e dá sacrifício e perdão" como disse muito bem, uma vez, há tempos, o "Correio do Vouga", órgão católico-romano.

Refiro-me a certas expressões que não são justas, ferem o sentimento da verdade e magoam dolorosamente uma minoria ordeira, séria e honesta, sinceramente arregaçada ao torrão pátrio e suas tradições, a pequena minoria católica reformada (conhecida mais pelo nome histórico de "protestante").

Ter o seu culto em português, respeitar as autoridades dentro da disciplina cristã, orar sempre por elas em seus serviços religiosos, procurar seguir a Cristo e apenas diferir dos seus irmãos católico-romanos, por não estarem dentro da disciplina de Roma, e sentirem que, em certos pontos teológicos e de organização, a Igreja histórica tem de ser reformada, não é

"estar fora da linha religiosa portuguesa, por ser contrário aos interesses espirituais do País".

Com respeito ao argumento de que as missões protestantes desnacionalizam, felizmente que o desmentido está feito até por católicos de categoria, e duma forma que só dignifica o campo adversário.

Leiamos o Padre Alves Correia, esse apóstolo do Bem, no seu livro "A Largueza do Reino de Deus":

"No capítulo Missões entre os infieis é que os nossos irmãos erradíos dão ao mundo um exemplo que de muito serviu aos próprios católicos para despertarem da sua negligência de latinos, de filhos do país do sol". E mais adiante, num movimento compreensível de indignação: "É injusto querer diminuir o sentido do esforço missionário protestante com a adução de que aquêles esforço é puramente interesseiro, político e mercantil. Os missionários evangélicos são, em regra, sèriamente evangélicos e não fazem política nem negócios".

Mas não só o Padre Alves Correia. Nos "Estudos" órgão do C. A. D. C. de Coimbra, li em tempos um bem elaborado artigo em que o seu autor, Dr. Luiz Wittnich Carriço, tratando da "Função Colonial das Missões Religiosas", faz afirmações do seguinte teor: "Nesse campo missionário que nós cultivámos com tanta Fé e que hoje deixamos em pousio, as missões estrangeiras desenvolvem-se e prosperam. Não quero dizer que essas missões estejam animadas do propósito de realizar a obra anti-nacional, de que por vezes têm sido acusadas; tive até ocasião de verificar o contrário na missão evangélica de Luma-Cassai, onde recebi durante alguns dias uma generosa hospitalidade".

(Conclui na pág. 19)

“DESDE que os Cassels chegaram a Gaia, deu a filoxera nas vinhas!” — era assim que falavam, de começo, os fanáticos rudes e intolerantes, a escancarar o rancorzinho que, pelo menos, jaz adormecido no íntimo de todo o ser humano.

A terrível praga dos vinhedos chegara à Europa procedente da América do Norte, entre 1858 e 1863; e as suas primeiras manifestações no Alto-Douro datam de 1862, quando Diogo Cassels, nascido em Massarelos em 1844, filho do negociante britânico João Cassels, era um jovem crente, piedoso e sincero, que viria a revelar-se um espírito irrequieto ao serviço dum ideal absorvente: o serviço de Deus na pessoa do próximo. A estupidez da atoarda com que quisemos começar esta nossa memória revela-se em que, supondo que os Cassels eram um mal que vinha ao país, Deus ainda por cima nos castigava caprichosamente com outro mal.

O rancor é naturalmente néscio! Sim; porque não pensar antes que a misericórdia divina trazia um benefício, por meio de alguns dos Seus servos, para compensar os precalços da Natureza?

Os “Cassels” de Gaia, Diogo e André, ambos futuros beneméritos da Igreja, eram dois dos filhos de João Cassels (1812-1869) que outros teve: Guilherme, bispo da China Ocidental, Herberto, negociante no Brasil e no Porto, e mais seis filhos e filhas. O pai desta ilustre irmandade foi um negociante que em 1849 se encontrava em Lisboa, tendo tomado parte grande, se não a principal, na edição no vernáculo continental português, versão de Eduardo Moser, mais tarde Conde do Moser, do “Livro de Oração Comum”, que já tivera edições em indo-português não adaptável às necessidades da Igreja na Metrópole.

Deixai-me agora evocar, entre esses nove Cassels, a figura inconfundível que melhor conheci, já no declinar da sua existência e a meio da minha própria, mas que ao meu espírito surge sempre juvenil nos seus entusiasmos, nesse seu constante dinamismo, em situações por todos nós, que tanto o estimávamos, sublinhadas com sorrisos de carinhosa compreensão. Deixai-me evocar

esse dinamismo, ora numa frase pronunciada arrebatadamente, em meio da elocução suave, ora na perpétua busca da luneta, até no recato solene da liturgia que, aliás, ele amou e defendeu como ninguém no seu tempo; ora nas afirmações de altissonante patriotismo, que calorosamente fazia, como se fosse um português de sangue; ora nos **deficits** ostensivos das contas da Igreja, para obter interesse prático de aqueles que bem sabiam pagar ele do seu bolsinho quase tudo...

Teve, talvez, Diogo Cassels, como ninguém antes tivera, a intuição do “rito lusitano”, isto é do “sentido do Divino”, temperado e sóbrio, que caracteriza o nosso povo, quando o não fazem descambar no profano — tornado sórdido — ou no exaltado das visões — levado ao extremo fanatismo. Esses excessos serão acaso norma nalgum outro povo: no nosso são moléstias que quanto mais se exacerbam mais depressa passam. O nosso povo tem um limite máximo de tensão espiritual que convém não ultrapassar para não se perder por completo; e tem uma repugnância instintiva do ridículo, desse ridículo que um pensador francês disse viver paredes-meias com o

solene. De aí o descrédito geral do “frade” e da “freira”, as referências irreverentes que só em raros atinge a ideia de Deus, as “fatrasias” ou caricaturas litúrgicas, nomea-

damente na catequese dos judeus atacados de “pirofobia”, nos dias horríveis do Santo Ofício...

A par dessa intuição do “Rito Lusitano”, teve Diogo Cassels a do ecumenismo, que o levava a proclamar o seu “amor a todos”, repetindo essa frase, que foi a última soltada dos lábios moribundos do Cónego Pope, seu companheiro nas lutas pela liturgia. Esse **amor a todos** o levou a querer aproximar-se de todos, sem a pecha do proselitismo de rancor. De todos, fossem da comunhão romana como da grega, das comunidades velho-católicas e da Reforma, como das da Ultra-reforma individualista e dissolvente dos vínculos da irmandade, desses que, com a velocidade adquirida, vão parar a um quase secularismo total ou a um anti-ecclesiasticismo incoerente, ou ainda a uma bibliolatria incoerente.

Em 1866, tinha o jovem James, ou Diogo, vinte-e-dois anos, quando dois belforinheiros da

Diogo Cassels

*Um depoimento pessoal:
fragmento duma biografia em divida.*

Sociedade Bíblica (pessoas a quem se tem dado o nome peregrino de "colportor") visitaram pela primeira vez o Porto e Vila Nova de Gaia, fixando residência nesta última. Foi decisiva no jovem britânico a influência desses homens simples e consagrados, cujo carácter cristão era constantemente temperado e provado num meio tão hostil. Em breve os dois empregados da Sociedade Bíblica eram presos e processados por colocarem nas mãos do povo o Livro de Deus, pois os exemplares apreendidos e remetidos para exame à Câmara Eclesiástica foram por esta dados como falsos e truncados, em razão de não incluírem os livros pseudocanónicos, incuídos no Cânon da Bíblia no Concílio de Trento, e por não terem as notas autorizadas pela Igreja dominante... Contudo a estância judicial superior, a que os lesados recorreram, ilibou-os de culpa, o que não impediu que viessem a sofrer novas prisões e querelas. Tudo isto acrisolava a fé do jovem Cassels, então administrador dum fábrica de Gaia, o qual, em 1867, abriu aulas bíblicas particulares e promoveu, no ano seguinte a esse, a visita ao norte do país do Rev. Angelo de Mora, primeiro bispo eleito da Reforma Portuguesa, tendo este, nesta visita, ministrado a Sagrada Comunhão a cinco fiéis. Meses depois, em Outubro de 1868, o missionário metodista Richmond dedicava a primeira Capela do Torne, onde de começo se realizavam somente cultos em língua inglesa, para criar o costume e impedir a feroz animadversão dos inimigos. Os olhos das autoridades locais estavam, todavia, sobre Diogo Cassels, e a 23 de Novembro de 1868 era preso e pouco depois condenado a seis anos de desterro. As aulas bíblicas ficaram suspensas até Junho de 1869. A 21 desse mês, devido a apelo do advogado liberal Alexandre Braga, pai, a Relação do Porto anulava a sentença punitiva, que só se verificara, assim se supõe, por um anterior descuido de não comparecimento do grande causídico.

Nesse mesmo ano de 69 um ministro visitante, de apelido Pires, celebra de novo a Santa Eucaristia segundo o rito episcopal; mas só na Primavera de 1870 se prêgou em português na Capela do Torne. O prêgador foi António de Matos, ministro presbiteriano, um dos perseguidos da Ilha da Madeira, de 1840. Também numa Primavera, vinte-e-quatro anos depois, a 15 de Abril de 1894, celebrava-se a cerimónia solene da dedicação do novo Templo do Torne, onde desde 1880 se reunia

uma congregação da Igreja Lusitana, que se organizara nesse mesmo ano.

Comerciante na cidade do Porto, abandonou o comércio, entregando aos seus empregados, sem qualquer contrato lucrativo, as suas representações. E dentro da amada Igreja do Torne foi instituído diácono em 1884 e ordenado presbítero em 1892, fundando as escolas do Torne e do Arco do Prado, onde gerações sucessivas receberiam instrução sã e sólida, sem imposição de credo, dentro do larguíssimo espírito da Igreja. Gastou os seus bens e a sua preciosa vida na educação popular, na assistência aos humildes, no testemunho do Cristianismo, que não consiste só em palavras, mas também nos actos que as enobrecem.

Uma vez eu, ainda ministro dum congregação sem tradições de regime, coadjuvava o Dr. Alfredo da Silva na Santa Ceia, celebrada na Igreja Metodista, quando entre os comungantes se ajoelhava humildemente o Rev. Diogo Cassels; e pense-se o que se pensar dessa atitude, crede que esta nota simples foi mais um vínculo no meu coração, a caminho da ansiada catholicidade.

Estava-se ainda bem longe do movimento dito "ecuménico", que veio a tomar corpo depois da primeira Grande Guerra, ainda que já se trabalhava pela aproximação das confissões cristãs desde antes da reunião de Liverpool que originou a Aliança Evangélica Universal, vai em cento-e-dez anos; mas Diogo Cassels, em mais largo âmbito, se correspondia com bispos velho-católicos, o que era escândalo para o confessionalismo estreito desse tempo. Onde ele visse lucilar uma centelhinha de interesse pelo Evangelho de seu Senhor e Salvador, lá estava ele tentando atíça-la, como fez, entre tantos outros casos, com Leonardo Coimbra, pouco depois da bela conferência sobre "Jesus como ideal de Beleza", que eu promovera na A. C. M. do Porto quando era ali secretário-geral, conferência que deu certo brado e fazia supor que Leonardo se inclinava para a Reforma.

Estranhava-se nesse tempo que Diogo Cassels acarinhasse padres egressos e "semi-egressos", da Confissão Romana; mas se, ingénuo e confiante, por vezes se enganou com fingidas adesões, ninguém lhe poderá negar coerência, nesse auxílio a presbíteros cristãos em inquietação de espírito perante o problema primacial que a Reforma trouxe à luz da consciência. Nele ecoava a voz da Igreja Universal, que chama os seus ministros

para a revisão dos valores espirituais e para o regresso à fonte da Mensagem, para o caudal da Vida Abundante, em Cristo.

Os erros e os acertos só são pequenos nos homens pequenos. Diogo Cassels, se alguma vez errou, o que é humano, errou como Homem grande. E nada nele eclipsa a sua renúncia ao conforto burguês, a entrega total ao seu Senhor e aos seus amigos. Eu lhe ouvi dizer em público: "estou muito contente, porque já nada tenho: vivo da legítima das minhas filhas".

E era afinal mais rico! Rico de consciência leve, de entusiasmo crescente, de boa fé e de conformidade. Cria em Deus, e cria no sopro de Deus insuflado nos homens. Acreditava no Amor e nos seus frutos. Era essa crença singela que lhe dava animo excepcional. Certa vez, ao chegar da Suíça, no próprio dia da chegada fora bater à porta dos alunos para lhes dar a habitual lição. E a sua crença num resto de bondade natural, exercida no mundo, nunca de todo esmorecida no coração do homem, teve seus prémios. Por exemplo: no dia em que um gatuno, ao saber quem era o dono dum relógio que furtara, lho restituiu. Só sei dum outro caso análogo, que parece se ter dado com o juiz Visconde de Rio Sado (1840-1909), decerto por gratidão e respeito dum criminoso, pela sua proverbial integridade como juiz. Vale a pena pôr no nosso espírito, a par um do outro, o servo da justiça humana com o servo do amor divino!

Uma das iniciativas que revelam o seu amor inteligente pelos pequenos foi o banco operário que fundou, e no qual dava, em pura perda, um juro acima do legal, para habituar os pobres a princípios de economia. Haveria muito que dizer acerca de tão simpática obra.

E as crianças? Como elas o amavam! Sentiam nele alguma coisa de idêntico na poesia da sua fé singela (poesia dele, que talvez nunca tivesse feito um verso, mas se tornou herói digno de poemas) na frescura da sua imaginação, na ingenuidade da sua dialectica. Muitos dos "meninos do senhor Diogo", hoje homens assentes no Senado da Vida, têm saudade viva do homem que tanto avultou na sua puerícia. Talvez alguns olhos desses meninos de outrora se marejem, ao ler esta evocação descolorida.

Que eu nunca vi o povo chorar sobre um feretro como chorou sobre o seu, em 1923, em multidão de milhares. Quem tomou parte, como

eu tomei, nessa manifestação extraordinária, que não a lembrará?

"Os Protestantes não têm santos", diziam indiferentes tagarelas. E acrescentavam: "...tiveram o Senhor Dioguinho..."

Claro que nós sabemos melhor dessas coisas; sabemos que ele seguiu brilhando, no rasto luminoso de uma secular nuvem de testemunhas, da qual nós mesmos — ai! com quão fracas forças! — queremos fazer parte também.

Que o brilho do seu testemunho nos ajude, como instrumento divino de apostólica perpetuidade!

Que tenhamos ao menos força para dizer como Corrégio diante da Santa Cecília de Rafael: "Anch'io son' pittore": Eu também sou pintor!

(Conclusão da pág. 16)

Creio ter esclarecido bem as sem-razões de algumas frases do artigo de hoje, que é pena que fossem lidas por tantos milhares e milhares de portugueses que assim ficarão com uma ideia errada do valor da evangelização das missões protestantes.

Subscrevo-me, com a maior consideração, de V. Ex.^ª

Amigo, Mto Atento V. e Obrig.

Leopoldo de Figueiredo

Não necessita comentários nem acrescentos esta explícita carta que, respondendo à velha acusação receditada no "Século", não tucrou ali guardada.

Depois de feita esta observação à carta do nosso prezado colaborador, a qual tem o valor de depoimento, insuspeito de parcialidade, dum Português respeitável, "O Século" de 2 do corrente publica uma carta do antigo missionário canadiano Rev. Dr. Jónh T. Tucker, que é uma resposta leal, justa, clara, perfeita, honrando tanto o seu autor como "O Século" ao publicá-la. Ao comentário final de "O Século" responderemos.

A BÍBLIA E A IGREJA

Sermão prêgado na Igreja de S. Mateus, V. Franca de Xira, no Primeiro Domingo depois da Trindade, 1954, pelo
Rev. S. A. M. Chancellor, U. M. C. A.

"Para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança".

S. Paulo aos Romanos c. 15 v. 4

AO olhar para o emblema da Igreja Lusitana, verifiquei que um dos seus símbolos era uma Bíblia aberta e a seguinte divisa "Verdade Evangélica — Ordem Apostólica". É curioso notar quanto uma depende da outra; não se pode de facto ter uma certeza de **verdade evangélica**, sem se possuir **ordem apostólica**. Por "Ordem Apostólica" entendemos o ministério de Bispos, Presbíteros e Diáconos que chegou até nós pelo poder do Espírito Santo, dado no Sacramento da Ordem, pela imposição das mãos. A única garantia da veracidade deste dom, concedido aos nossos Bispos, Presbíteros e Diáconos, é a certeza de que foi transmitido sem quebra, a partir dos Apóstolos, aos quais, e sòmente aos quais, o poder do Espírito Santo foi primeiramente dado.

Que diz S. Paulo àcerca das Escrituras? "Para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança". Provavelmente nunca ocorreu a S. Paulo ao escrever estas palavras na sua carta aos cristãos de Roma, que esta mesma carta viria a fazer parte das próprias Escrituras. S. Paulo referia-se às escrituras hebraicas, à Bíblia dos judeus, àquilo que hoje chamamos o Velho Testamento. Porém se lermos sòmente o Velho Testamento sem termos em conta o Evangelho de Jesus Cristo, que esperança podemos tirar daí? Parece ser apenas uma história de desastres e malogros desde o princípio até ao fim.

Começa dando bastante esperança com a criação do Universo e a parábola da amizade e compreensão entre Deus e o Homem. Mas pouco mais de dois capítulos decorridos, o homem perde essas relações por causa da sua obstinação. O resto do Velho Testamento é a longa história de fracassos em recuperar a amizade de Deus; é a narrativa da ruidosa rebelião contra a vontade do Senhor, intermeada por tentativas de reforma sem quaisquer resultados.

Como pode isto despertar em nós a esperança? Mas S. Paulo, o Apóstolo de Jesus Cristo, não vê as coisas deste modo; para ele, as antigas Escrituras estão cheias de Cristo. De facto, sem Cristo, as Escrituras constituem uma fraca esperança.

Fui uma vez convidado a assistir a um culto na Sinagoga judaica. Nunca vi nem ouvi sentido da vida tão desesperado como o que esse culto expressava. Era um longo, dorido clamor por um profeta, por um Messias, pelo renascimento da protecção activa de Deus, em silencio aparente durante dois mil anos. Eram como homens abandonados numa ilha deserta esperando um navio que nunca chega. Mas através da Pessoa de Jesus Cristo nós vemos e compreendemos o sentido do Velho Testamento. "Porque tudo quanto dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito".

O método de ensino que Deus usou para a raça humana começou em particular na nação de Israel, nação que era também uma Igreja. Ao princípio os seus conhecimentos eram muito insuficientes. Lemos de morticínios em massa dos seus inimigos, em nome de Deus; de sacrifícios humanos fumegando no vale de Gehena e de outras coisas que ferem o nosso modo de pensar àcerca da vontade de Deus. Mas o próprio facto de que estas coisas nos chocam,

prova o êxito do plano divino. Ele, no decorrer dos séculos, tem-nos ido ensinando, de forma que agora compreendemos melhor as coisas, do que os Israelitas compreendiam.

Quando aos sete anos mandamos os nossos filhos para a escola, não esperamos que as suas primeiras lições sejam prelecções sobre filosofia; esperamos, sim, que essas lições sejam alguma coisa que as suas pequenas inteligências possam apreender. Assim o ensino dado por Deus ao homem foi gradual, tolerando muito mais numa primeira fase do que depois iria tolerar, todavia preservando sempre aqueles mesmos principios divinos, orientadores, que por fim, e de forma definitiva, foram enunciados por Ele na pessoa de Jesus Cristo, o "Verbo feito carne". Porque Jesus em todo o Seu ensino, tomou e interpretou o Velho Testamento. Ele mostrou o que o Velho Testamento queria de facto dizer e não o que os escribas diziam que queria dizer. Ele quebrou a espessa crosta da interpretação demasiado literal dada pelos escribas, e trouxe à luz os principios essenciais, que era o que importava. Vemos isso repetidas vezes nas suas discussões com os escribas, que eram os intérpretes oficiais das Escrituras no tempo do nosso Senhor. Ele acusou-os de **obscurecerem** o sentido das Escrituras em vez de o **interpretarem** de modo a que o povo pudesse compreender. Contudo Jesus deu ênfase à importância da interpretação oficial das Escrituras: "Então falou Jesus à multidão e **aos seus discípulos** (diz-nos o Evangelho de S. Mateus) dizendo: Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Observai pois e praticai tudo o que vos disserem". E Ele disse estas palavras apesar dos abusos por eles praticados no exercício da autoridade que possuíam como intérpretes das Escrituras.

Jesus deu exactamente a mesma autoridade à Sua Igreja, a qual é o novo Israel, quando disse aos discípulos: "Tudo o que ligardes na terra será ligado no ceu e tudo o que desligardes na terra será desligado no ceu". Esta autoridade, é preservada de abuso no novo Israel, a Igreja, porque ela possui o método de nosso Senhor no interpretar das Escrituras, o de ter em vista os propósitos espirituais de Deus resplandecendo como luz através das palavras da Escritura, e não uma interpretação meramente literal do texto tirado desta unidade fundamental.

Uma vez que as palavras da Escritura se separem da autoridade dos principios orientadores da Igreja, prestam-se a ser, e têm-no sido muitas vezes, interpretadas de modo estranho e torcido. Nenhum dos livros do Novo Testamento foi destinado a dar as primeiras lições da Doutrina Cristã. Todos esses livros foram escritos para aqueles que já eram crentes e que já haviam sido instruídos na fé. Neles parte-se do principio de que já temos conhecimento das doutrinas mais importantes da nossa fé, como sejam, o facto da Santíssima Trindade, a encarnação, a obra do Espírito Santo, a Igreja, a operação de Deus através dos Sacramentos, o ensino cristão acerca do modo de nos comportarmos uns para com os outros (honestidade, humildade, caridade, etc.) e a doutrina a respeito da vida depois da morte. Qualquer que não possua esta instrução inicial, e for deixado sozinho com as Escrituras, mais cedo ou mais tarde cairá em erro, com todas as probabilidades. É o que a segunda lição desta tarde (Actos 8:26-fim) a respeito do Etíope e de Filipe, nos ensina; Filipe perguntou ao homem: "Entendes tu o que lêes? E êle respondeu: "Como poderei entender

se alguém me não ensinar?“. Por isso é uma ideia muito errada enviar exemplares da Bíblia para todas as partes do mundo para serem usados sem qualquer espécie de referência à tradição da Igreja...

Os cristãos actuais, à semelhança dos cristãos primitivos, devem preservar na doutrina dos Apóstolos e na sua comunhão (Actos 2:42), isto é, devem continuar na Comunhão da Igreja. Uma **“Bíblia aberta”**, isto é, uma Bíblia à disposição de todos, é uma coisa muito boa, mas apenas se for utilizada na Comunhão da Igreja, porque doutro modo podemos ficar certos de que se começará a produzir toda a espécie de interpretações individuais do Cristianismo. Já aconteceu isso com bastante frequência e é a tragédia da cristandade actual. Tínhamos por dever já ter aprendido esta lição.

O ensino dos Apóstolos, é o ensino da Igreja Apostólica e Católica a que pertencemos, e é baseado na autoridade apostólica. É, nomeadamente, aquele que tem sido crido, **sempre, em toda a parte e por todos.**

Sempre—não qualquer invenção ainda que pretenda basear-se nas Escrituras.

Em toda a parte—e não apenas qualquer crença local, limitada a uma parte restricta da Cristandade.

E por todos—não só a opinião de algum indivíduo, por grande ou superior que pareça.

Esta é a “pedra de toque” e a Bíblia **só por si** não pode servir-nos para a aplicar: Necessitamos da Comunhão da Igreja.

A Bíblia tem por fim manter em nós aquela fé que recebemos da Igreja; mais do que isso, tem por fim **edificar-nos nessa fé**, à medida que nos familiarizarmos

com o seu conteúdo. Não serve de nada ter uma Bíblia, se não a lermos e procurarmos entendê-la, no sentido que a Igreja nos ensina.

É só desse modo que pela paciência e consolação das Escrituras podemos ter esperança. Porque só então temos uma esperança segura, provada e experimentada na tradição da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, e não qualquer esperança falsa, respigada pelas nossas interpretações individuais defeituosas, ou pelas de qualquer grupo separado dessa tradição apostólica.

A luz das Escrituras verdadeiramente interpretadas é a luz de Cristo que é a Palavra de Deus personificada, porque a nossa fé e a nossa esperança estão postas não em páginas impressas mas numa Pessoa viva em Jesus Cristo, o Homem que é Deus.



NA SEARA

II Congresso da I. L.

Têm reunido várias vezes a Comissão Organizadora e as Sub-comissões para a realização deste Congresso, nos dias 29 a 31 de Outubro e 1 de Novembro deste ano. Esperamos dar no próximo número o programa definitivo, remetendo por agora o leitor interessado para o esboço de programa que o “Despertar” de 18 de Abril publicou, e chamando a atenção para a lista de teses e comunicações propostas e que encontrará na nossa capa. Tanto no Norte como no Sul do País têm-se realizado conferências de divulgação, com atenta assistência, e o número das inscrições é já animador.

Iniciativas presbiterianas

Realizou-se em 4 de Junho o Culto solene do encerramento do ano escolar de 1953-54, do Seminário de Carcavelos que desta vez se celebrou na Igreja Lusitana de S. Paulo, sendo a parénese feita pelo Rev. Dr. Luis Rodrigues Pereira. Receberam diplomas do curso especial dois alunos. O membro da Igreja Lusitana que estava inscrito neste curso para um ano, pôde modificar o seu plano para o aproveitamento dum segundo ano, por generosa aquiescência do director da Missão do Norte de Angola, trabalhando de mãos dadas com a nossa Igreja.

Desejamos noticiar que a fita magnetofónica usada no Seminário, na cadeira de homilética prática, tem dado muito bons resultados, na opinião do professor cessante.

Visitámos a sede da Clínica de S. Lucas, na Avenida António Augusto de Aguiar, e demos graças a Deus por esta iniciativa, que trará grandes benefícios ao meio evangélico da Capital. Duma carta do Presidente da Comissão Pro-clínica, Rev. Herbert Meza, reproduzimos estes trechos: "Estamos agora no fim das obras de construção, de selecção do pessoal e aquisição de equipamento. Tudo isto fazemos através de orações abundantes a nosso Pai. Sem a Sua bênção não atingiremos nossos fins. A nossa visão tem sido sempre a de criar uma instituição que pertença ao povo evangélico. É nosso desejo e alvo que todos os crentes considerem a clínica de S. Lucas como um novo filho da família evangélica... A nossa esperança é de que a Clínica seja uma bênção para a nossa comunidade evangélica, unindo-nos todos neste trabalho para glória e honra do alto nome de nosso Deus e o meio para demonstrar a graça e o amor de nosso Senhor Jesus Cristo".

Iniciativas luteranas

Visitou-nos há meses o dr. Rodolfo Frederico Hasse, presidente das missões da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e director da "Hora Luterana Internacional", para a América de Língua Portuguesa, que grandes planos trazia para a Europa. Com ele visitamos pela primeira vez a Igreja Dinamarquesa em Lisboa, no Largo de Santos, que tem uma capela ornada com sóbrio e belo gosto. Recebeu-nos o pastor Johs. Asmund, que estava organizando o trabalho de cura espiritual das colónias escandinavas e dos escandinavos de passagem por Lisboa. Ao seu pastor actual ficou a Igreja Lusitana devendo a oferta dum excelente órgão. Fique aqui reiterado nossa gratidão ao pastor Ostergard, pela magnífica oferta.

Na Igreja da Comunidade Evangélica Alemã de Lisboa, em Palhavã, realizaram-se dois concertos de música sacra dedicados aos evangélicos de língua portuguesa, em 7 e 13 de Junho findo. Esteve ao órgão o hábil organista Sr. Dr. Georg Lind e leu os interessantes comentários por esse senhor traduzidos o sr. Guido de Oliveira. Podemos apreciar, no primeiro concerto, os onze exemplos dados da famosa colecção de corais de João Sebastião Bach, e julgamos a iniciativa de grande valor didáctico, pelo que agradecemos ao pastor sr. Dr. Thude e ao distinto executante.

Rev. Dr. Michael P. Testa

Este ilustre obreiro, deão do S. T. P. de Carcavelos, que tem um amigo em cada irmão com quem priva, ao chegar aos Estados Unidos, onde tem o seu ano de "férias" trabalhando, recebeu o grau de doutor em Teologia pela sua Universidade.

Saudamo-lo afectuosamente.

O Livro e os Livros

DIZ-NOS o "Boletim de Notícias da União da África do Sul", que estamos recebendo e muito agradecemos, o seguinte: "O dr. P. J. Nienaber, leitor de Africânder e Holandês da Universidade de Johannesburgo, completou um catálogo em que se prova terem as primeiras edições de livros em africânder atingido o número de 10.000. Estas obras, das quais se tiraram alguns milhões de exemplares, tratam os seguintes temas: 2.000 livros de estudo; 1.500 livros sobre religião, sendo os restantes 6.500 livros dedicados à poesia, ao drama, etc." Este trecho, que nos dá a percentagem actual da literatura religiosa sobre a geral, na jovem nação nossa vizinha e amiga, leva-nos o pensamento para a edição africânder da Bíblia, que tinha uma semana de vida quando nós desembarcamos na Cidade do Cabo. Nessa semana de entusiasmo tinham-se vendido já cem mil exemplares! Com ela se criou, de facto, a literatura peculiar que hoje, passados vinte anos, revela este desenvolvimento de dez mil primeiras edições. Lemos algures que o filho dum patriarca de Sacanjimba se exprimiu assim a respeito do regalo mental e moral que a Bíblia na língua materna lhe causava: A edição de africânder torna a Bíblia clara; antes, a fala do holandês era escura!". Esta maneira ingénua de dizer é profundamente expressiva para pôr o problema das línguas.

Do Departamento de Propagação do Evangelho da Diocese do Brasil Sul-Occidental, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, recebemos um exemplar do 1.º Volume de "Sermonário". Não concordamos bem com o título, pois o que aí achamos são apontamentos de elocução ou exposição evangélica, onde pouco se distingue da disciplina homilética; mas tem, sem dúvida a sua utilidade, onde quase nada existe na matéria.

Ao nosso querido amigo e companheiro da lide sagrada, Dr. Ayres Serrano e Silva, agradecemos a sua separata da "Gazeta Médica Portuguesa": "Contribuição para o estudo das falsas imagens cavitarias". O nosso laicismo na matéria atreve-se a dizer que vê na exposição realizado o difícil consórcio da linguagem técnica com a clareza de expressão. Parabéns.

O nosso Amigo sr. Artur G. Ingleby continua com a sua missão de publicidade evangélica, tendo-nos dado ultimamente "Viagens Misteriosas" de Stuart R. Robertson, interessantes historietas de impressionante originalidade, e "A Fé dos quais imitai", por Ernest Gordon, biografias rápidas de algumas personalidades cristãs de vida inspiradora. Hoje é bem conhecida a utilidade das biografias e há mestres no género literário que muito prestigiaram com os seus trabalhos esse género. As outras edições do sr. Ingleby, não sabemos se algumas esgotadas, são "O Caminho para Deus e como encontrá-lo", por D. L. Moody, "A Porta Formosa", por Eduardo Moreira, "Eliseu o Profeta", por W. W. Fereday, "Herois da Fé na Itália", por J. S. Anderson, e "Abrindo caminho no Continente Negro" e "Azeite e Vinho", por Arthur Ingleby. As obras de estrangeiros têm sido traduzidas por Jorge A. P. Rosa.

A Liga da Profilaxia Social continua com a sua simpática cruzada de bem fazer e bem expor os principios duma vida colectiva sã. Ainda não referimos a chegada da 7.ª série dos seus estudos, que constituem um grosso volume digno de consulta e meditação.

O nosso bom amigo sr. Eugénio H. Thompson Júnior, de Durham, na Carolina do Norte, tem-nos enviado magníficos opúsculos da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, muitos dos quais seriam de grande benefício na Igreja Lusitana, uma vez traduzidos ou adaptados. Imaginai a utilidade de pequenos tratados sobre: "Como usar o Livro de Oração", "A Igreja e os Sacramentos", "A Igreja na História". Uma publicação regular de pensamentos e orações sobre os textos diários do Calendário da Igreja, e cujo o título se poderá entender por "A tempo e dia a dia", tem trazido nas capas interessantes símbolos, como os do Tetramorfo, na interpretação de Santo Ireneu, a cruz que se achou na cabana dum banto da Africa Central, a cópia do Bom Pastor que está no Museu de Latrão, atribuido ao século IV, a "Triquetra", velho símbolo da Trindade, e o Espírito Santo na plenitude do Seu poder, reproduzido duma capela da Cathedral de Washington. Elementos preciosos são estes, para o estudo da simbólica cristã.

Temos recebido por assinatura, desde há tempos, os "Cuadernos Teológicos", suplemento de "El Predicador Evangelico", onde se encontram substanciosos ensaios, honra do Cristianismo reformado da América Espanhola. Apesar de não termos permuta com tão bela publicação, não queremos deixar de a indicar aos nossos leitores como de grande vantagem para os estudantes e estudiosos.